

OS USOS DOS ITENS ANTES, AGORA E DEPOIS EM GÊNEROS ACADÊMICOS.

Carla Daniele Saraiva Bertuleza (UERN)
carlabertuleza@gmail.com

João Bosco Figueiredo Gomes (UERN)
boscofigueiredo@gmail.com

Introdução

Admitindo a língua, portanto a gramática, como dinâmica, emergente, um sistema cujas estruturas linguísticas, por influências decorrentes de situações interativas reais, vão variando, mudando e regularizando-se, sabemos que as formas linguísticas tendem a ajustar-se às necessidades informacionais dos falantes, gerando variações ou mudanças de itens ou construções lexicais.

Diferentemente da gramática tradicional, esses fenômenos, cada vez mais, são estudados à luz do Funcionalismo Linguístico, no intuito de dar conta desse dinamismo, verificando como a língua é usada nos processos comunicativos, às circunstâncias discursivas e as condições de produção.

Sabemos que as gramáticas tradicionais apresentam a classe dos advérbios apenas com suas características de circunstanciadores, como tempo, modo, dúvida, intensidade, entre outros. As gramáticas tradicionais apresentam ainda de que classes os advérbios podem ser modificadores: a) de um verbo; b) de um adjetivo; c) de um outro advérbio; e d) de uma oração inteira.

Tal constatação mostra que se trata ainda de uma classe pouco explorada diante da sua complexidade no âmbito funcional, pois é uma classe heterogênea que não se prende somente a um núcleo, mas também ao conteúdo semântico da oração.

Assim, este trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento que busca verificar os diversos usos dos itens *antes*, *agora* e *depois* nos gêneros acadêmicos, pois constatamos que ainda não há muitos estudos sobre o advérbio *antes*.

Partimos da hipótese de que assim como os advérbios *agora* e *depois*, o item *antes* em decorrência da frequência dos usos e por meio da trajetória metafórica ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, deve assumir novos usos diferente do seu uso prototípico como advérbio.

1- Estudos funcionalistas sobre os advérbios *agora* e *depois*.

Cada vez mais estudos funcionalistas buscam mostrar novos usos e novas funções que os advérbios assumem na língua. É o caso dos estudos de Oliveira (2009) que faz estudo sincrônico sobre o advérbio *agora* em dados orais e escritos da cidade de Natal-RN, a autora baseia-se nos trabalhos de Martelotta (2004), Rodrigues (2002) e Houaiss, Vilar e Franco (2004) e afirma que a trajetória percorrida pela forma originária “esta hora”, “este momento” marca uma passagem de advérbio espacial dêitico para advérbio dêitico temporal e depois para um campo discursivo, seguindo assim a trajetória de abstratização ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

Segundo Oliveira (2009) nos dados analisados o *agora* exerce o valor de conector com o papel de servir de elo ou nexa a frases, proposições e orações que de alguma forma se opõem, como em (1).

- (1) I: a informação é imediata... **agora**... uma coisa que me preocupa... hoje em dia na TV... é os programas infantis principalmente... eu vejo que as crianças elas...assistem e copiam esses modelos da TV né...(D&G, oral, p.70)

Temos também os estudos de Rodrigues (2009) que faz um estudo panorâmico em textos do latim até o século XX também sobre o item *agora*, para a autora o item *agora* ainda é usado como advérbio, mas deixa de se vincular ao momento presente e passa a ter traços com + referência temporal passada, em alguns casos e + referência temporal futura, em outros, como em (2).

(2) “O tratamento de sua esposa e mesa, que **agora** diremos, não principiou em Braga: Continuou em Braga o que tinha na religião. O que não espanta muito é que não afrouxou nunca um ponto de rigor com que entrou.” (A vida de D. Freire Bertolameu dos Mártires/Romance/Sincronia Clássica).

Exercendo o papel de elemento de conexão, o *agora* assume a função de *sequencializador*, *opositor* e *concludor* como em (3), no papel de *marcador discursivo* o *agora* funciona como *introdutor de tópico*, *ênfatizador de tópico* localizado em todas as sincronias e retomador de tópico encontrado somente nas sincronias clássica e moderna.

(3) Dom Gilvaz: Eu bem vejo recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?
Fagundes: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.
Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: **ora** faça-me o favor de a ir chamar.

Para Rodrigues (2009) o *agora* é um item multifuncional que se gramaticalizou de forma panorâmica ao longo da trajetória da língua portuguesa, uma trajetória TEMPO> TEXTO.

Outro estudioso do advérbio *agora* é Souza Júnior (2005) que faz um estudo sincrônico nas tiras de quadrinhos de “Gatão de Meia idade” de Miguel Paiva sobre esse item, segundo o autor o *agora* em uma trajetória crescente abstratização passa de um sentido mais concreto para um mais abstrato. Nas tiras de Gatão o *agora* ocorre nas funções de *dêitico temporal*, *juntivo* e na *função discursiva*.

Para Souza Júnior (2005) o *agora* em seu valor dêitico temporal, veicula a relação de proximidade temporal do fato evocado com fala dos personagens, permanecendo traços de circunstancia verbal e mobilidade. O *agora* no seu uso juntivo perde os traços presentes no uso temporal e apresenta a função de conector de sequencialização, estabelecendo relações lógicas. Já o *agora* como marcador discursivo atua na organização do discurso, como mostra em (4).



FIGURA 24

Fonte: Gatão de meia idade, volume I

Encontramos também estudos funcionalistas sobre o advérbio *depois*, como o estudo diacrônico de Martelotta (1994) que apresenta o item *depois* com valor de conector, funcionando como um organizador do discurso, um sequencializador textual.

Martelotta (1994) não encontrou em seus dados o uso do *depois* com valor espacial de localização do tipo “a loja fica *depois* da esquina”, o que ele encontrou foi um uso mais abstrato de localização como em (5) esse uso de ordenação é por processo metafórico da localização espacial:

(5) Ah, uma professora que eu gosto... a professora que eu gosto é a... que eu gosto mesmo é da dona Regina. **Depois** a dona Inês.

Por fim, Martelotta apresenta o *depois* com valor aditivo, esse uso caracteriza-se pela perda da noção espaço/ tempo e passa a assumir uma função textual. De acordo com o autor nesse uso coexistem as duas trajetórias, a pressão por informatividade e a metáfora ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, como em (6).

(6) E: Então você acha bom a mulher trabalhar fora?

I: Acho. Atualmente acho, não pra mim que já estou com uma vida formada, casada há vinte e sete anos já, não, não, não. E **depois** não preciso, graças a Deus...

Para Martelotta essas mudanças trata-se do fenômeno da gramaticalização que opera nos elementos lingüísticos, mudanças unidirecionais como circunstanciador > operador argumentativo e ESPAÇO > TEMPO > TEXTO.

Gonçalves (2007) também faz um estudo sobre o item *depois* em dados orais do português dos cariocas, em que o item *depois* exerce funções espacial, temporal, contrastiva, sequencial e aditiva. Para Gonçalves (2007) o processo que tem levado o item *depois* a se gramaticalizar é a metáfora ESPAÇO > TEMPO > TEXTO. A autora mostra essa trajetória na fala carioca onde se encontra o uso do *depois* que indica um lugar no espaço como em (7), o item *depois* em seu uso prototípico, como advérbio temporal em (8) e o *depois* na função de conector em (9), sua forma já gramaticalizada.

(7) F- [é o que?] [a Maré?] não, a Maré é **depois** da principal. Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (PEUL)

(8) E – Passei um grande tempo (inint), sabe? (est) sem sair com ninguém. Voltava no quartel, tinha uma garotinha ali de Teixeira que vinha atrás de mim aí, eu não queria papo. **Depois** que eu cai na real, eu falei: “pô”! Porque que eu vou ficar nessa? Eu vou é curtir com a cara delas e- “como é que é? (riso de f) (PEUL)

(9) F- Aí, ela vai me dizendo e aí é que eu sigo um poquinho, porque do contrario de repente, eles resolvem e terminam e, aí, acontece tudo. É casamento no mesmo dia é o nascimento da criança e- aí, eu prefiro não assistir. E **depois**, também, a <o->- a hora da novela é a hora que eu estou vendo janta, não é? Essas coisas assim, não me prendo mesmo. (PEUL)

Para Gonçalves (2007) o *depois* é um elemento que se apresenta bastante polissêmico que parte de um ponto mais concreto (espaço), passa pelo nível intermediário de abstração (tempo), gerando usos bem mais abstratos (texto). Desses usos as formas mais básicas que dão início ao processo são os usos espacial e temporal (advérbios) e as gramaticalizadas (Conectores): sequencial, aditivo e contrastivo.

2- Abordagem funcionalista e o paradigma da gramaticalização.

A perspectiva funcionalista cada vez mais tem se constituído um importante paradigma para estudos que buscam o conhecimento de fenômenos essenciais quanto ao uso real da língua, principalmente para estudos que analisam processos linguísticos e de variação ou mudança de itens ou construções lexicais, em relação à emergência de suas novas funções/significados, como o processo de gramaticalização.

Trata-se de uma corrente que se preocupa em estudar como as pessoas fazem uso da língua em situações reais de comunicação, contrapondo-se assim, ao estruturalismo e ao gerativismo. O paradigma funcionalista emprega a hipótese de que a forma da língua deve refletir, em alguma situação, a função que exerce.

De acordo com a abordagem funcionalista, não se deve explicar os fenômenos linguísticos a partir de frases que não fazem parte do contexto real dos usuários da língua, frases inventadas e totalmente descontextualizadas, como fazem as gramáticas normativas tradicionais. Mas, deve-se verificar como a língua é usada nos processos comunicativos, nas circunstâncias discursivas e nas condições de produção. O estudo da língua tem, pois, como foco a situação comunicativa.

Du Bois (1985) considera a gramática como um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas, competindo e conciliando-se sistematicamente com elas. Deriva daí o fenômeno da gramaticalização, que pode ser visto como a evolução de construções relativamente livres no discurso, motivadas por necessidades comunicativas, para construções relativamente fixas na gramática.

Segundo Bybee (2010), a gramaticalização é comumente definida como “o processo pelo qual um item lexical ou uma sequência de itens tornam-se um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo.” E ressalta que, mais recentemente, tem sido observado que a gramaticalização de itens lexicais está ocorrendo dentro de construções particulares, criando, assim, novas construções. (BYBEE, 2003; TRAUGOTT, 2003).

Com base nessa conceituação, podemos afirmar que a unidirecionalidade constitui uma propriedade que permite a identificação e a descrição dos fenômenos de gramaticalização dentro do quadro mais amplo dos demais fenômenos de mudança linguística.

O processo de gramaticalização tem como princípio cognitivo a exploração de velhas formas para novas funções, o que faz com que conceitos concretos sejam movimentados para o entendimento de um elemento menos concreto.

Assim, os falantes e ouvintes, devido às assimetrias de suas experiências, negociam e adaptam funções e formas para o sucesso da troca comunicativa, permitindo que a língua altere os seus padrões discursivos e a sua contraparte mental. Essas negociações e adaptações geram, pois, mudanças que, por sua vez, são guiadas por mecanismos que regularizam e fixam seus usos, dentre os quais merecem destaque: metáfora e metonímia; e, por extensão, analogia e reanálise.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2007), a metáfora está ligada ao processo de abstratização dos significados, que podem ser lexicais ou menos gramaticais, e passando metaforicamente, tornam-se gramaticais ou mais gramaticais. Assim, a gramaticalização pode ser motivada pela metáfora.

Heine *et al.* (1991) explica que a metáfora envolvida no processo de gramaticalização é diferente daquela que se relaciona às figuras de linguagem, pois seria pragmaticamente motivada e focada para a função na gramática. Uma ‘metáfora emergente’, portanto, cuja origem que propicia à gramaticalização seria de natureza

‘categorial’, ou seja, a construção das estruturas gramaticais pode ser exposta em termos de algumas categorias básicas partindo sempre, unidirecionalmente, do elemento mais concreto.

Torna-se possível expor o processo de gramaticalização por meio do grupo de categorias conceptuais, de acordo com uma escala de abstração crescente, em que cada elemento seguindo um percurso unidirecional se liga a outro elemento à direita por meio de “flechas” (“>” leia-se “passa para”), resultando no que muitos pesquisadores chamam de “metáforas categoriais”.

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Por outro lado, a metonímia tem sido apontada como responsável pela gramaticalização, na medida em que suas motivações estão no contexto linguístico e pragmático de uso de uma dada forma: há uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item linguístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para outra.

Segundo Traugott & König (1991, p.212), a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, vale dizer, representa uma transferência semântica por contiguidade.

À metonímia está ligado um mecanismo chamado por Traugott & König (op. cit., p.194) de *inferência por pressão de informatividade*, que designa o processo em que o item linguístico passa a assumir um valor novo, inferido do original, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso. Quando uma implicação comumente surge com forma linguística, pode ser tomada como parte do significado desta, podendo até mesmo chegar a substituí-la.

A reanálise pode ser definida como uma mudança na estrutura de uma expressão que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação aparente, ela não é diretamente observável. Para Hopper e Traugott (2003), no mecanismo de reanálise, as propriedades gramaticais, sendo elas, sintáticas, morfológicas e semânticas das formas são modificadas quanto a sua interpretação, mas não quanto a sua forma.

Já o mecanismo da analogia “se refere à atração de formas preexistentes por outras construções também já existentes no sistema e envolve inovações ao longo do eixo paradigmático” (GONÇALVES, 2007, p.49). Ou seja, não promove mudança na regra apenas permite um desenvolvimento das mudanças trazidas pela reanálise.

Nesse sentido, tanto a reanálise quanto a analogia interessam para a gramaticalização, mesmo sendo distintamente diferentes e com diferentes efeitos. A reanálise implica reorganização linear, sintagmática e, frequentemente, local: uma mudança de regra, que não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia essencialmente implica organização paradigmática, mudança nas colocações de superfície e nos padrões de uso. A analogia faz as mudanças inobserváveis da reanálise observável.

3- O conceito de gênero em Swales.

É sabido que existem diferentes noções e abordagens sobre gêneros, entre essas diferentes noções e abordagens não existe um consenso quanto aos critérios definidores do gênero, mas já concordam com a visão de gênero como entidade sócio-comunicativa e não meramente como entidade formal. Neste trabalho adotamos a noção de Swales, pois sua pesquisa é ainda uma das referências mais importantes no conjunto de estudos sobre gênero.

Segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005) a noção de gênero proposta por Swales é fruto do entrelaçamento de tradições de diferentes campos de estudos: folclóricos, estudos literários, lingüística e retórica. Para o autor essa integração é o que faz a originalidade do seu trabalho e que o levou a ter uma postura eclética quanto à noção de gênero, pois entre esses diferentes estudos havia pontos em comum na forma como cada uma compreendia o conceito de gênero, como definir o gênero como entidades dinâmicas e passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidas.

A partir desses quatro campos de estudos é que Swales formula a sua própria definição de gênero com o pensamento no ensino, apresentando cinco características do gênero, a primeira refere-se a ideia de classe, o gênero como uma classe de eventos comunicativos, onde esses eventos são constituídos do discurso, dos participantes, da função do discurso e também do ambiente onde o discurso é produzido e recebido.

A segunda característica é de que uma classe de eventos comunicativos, onde esses eventos compartilham um propósito comunicativo, partindo do pressuposto de que os gêneros têm a função de realizar um objetivo. Já a terceira característica do gênero é a prototipicidade, pois só se classifica um texto como sendo do gênero se possuir os traços especificados na definição do gênero, no entanto pode-se usar também o critério da semelhança para a classificação.

A quarta característica apresentada por Swales refere-se a razão ou a lógica subjacente ao gênero, ou seja, é quando os membros da comunidade reconhecem o gênero e utilizam as convenções que realizam o gênero com o propósito apropriado. Por fim, a quinta característica do gênero é a terminologia elaborada pelos membros da comunidade discursiva para seu próprio uso.

No entanto, Swales mostra que a terminologia pode confundir o gênero e exemplifica com o ambiente da universidade, onde o mesmo evento comunicativo pode ser identificado com mais de uma terminologia, por isso Swales afirma que a análise de um gênero deve levar em conta o comportamento comunicativo dos membros para dar conta da evolução do gênero, como também para refletir adequadamente as funções dos gêneros.

Portanto, Swales afirma que por mais que os estudos de gênero muito tenham avançado teoricamente, não se pode pensar em classificações estáveis e definitivas, nem fechar a discussão em torno dos critérios definidores dos gêneros.

4- Metodologia

Esta pesquisa será desenvolvida em uma linha essencialmente funcionalista, principalmente naquilo em que o funcionalismo estuda os processos de variação e mudança lingüística a partir da língua em uso.

Baseamo-nos no funcionalismo lingüístico, praticado atualmente, entre outros, por Givón (1979, 1995), Du Bois (1985), Hopper (1987, 1991), Heine *et alii* (1991), Traugott e König (1991), Hopper e Traugott (1993, 2003), Heine e Kuteva (2002), Briton e Traugott (2005) e Bybee (2010) e, no Brasil, por Martelotta *et alii* (1996), Furtado da Cunha (2000), Furtado da Cunha *et alii* (2003), Votre *et alii* (2004), Gonçalves *et alii* (2007).

Partiremos de uma análise da frequência dos usos dos itens *antes, agora e depois* nas introduções e conclusões dos gêneros acadêmicos para depois explicá-los, segundo o contexto em que ocorrem. Nossa amostra será composta por trabalhos de conclusão de curso de graduação e de pós-graduação.

Verificaremos os enunciados em que há os usos dos itens *antes*, *agora* e *depois*, versados nos gêneros acadêmicos: (05) TCCs de graduação, (05) Monografias de Especialização, (05) Dissertações e (05) Teses, distribuídos proporcionalmente por sexo: (05) mulheres e (05) homens, totalizando 20 amostras. Como também Verificaremos se o item *antes* assume novos usos diferente do seu uso prototípico como advérbio e se segue a mesma trajetória de abstratização dos itens *agora* e *depois*.

Descreveremos os dados a partir de uma análise quantitativa, com cálculo de frequência, cruzamentos de dados e tratamento estatístico, utilizando o programa "Statistical Package for the Social Sciences" – SPSS (NIE et al. [1968] 2007); e, a partir desses dados, faremos uma análise qualitativa.

Conclusão

Com base nos resultados, esperamos encontrar diversos usos dos itens *antes*, *agora* e *depois*, como também esperamos evidenciar que assim como os advérbios *agora* e *depois*, o item *antes* em decorrência da frequência dos usos e por meio da trajetória metafórica ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, assumi novos usos diferente do seu uso prototípico como advérbio.

Desejamos também que esta pesquisa seja relevante ao contribuir com pesquisas futuras que se valham do paradigma funcionalista e com aplicação pedagógica que vise a uma melhor compreensão do funcionamento e dos usos dos elementos em estudo.

Referências

- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In JOSEPH, B. D.; JANDA (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-23. Reprinted 2007, p.336-57.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p.343-65.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A.;
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GONÇALVES, J. W. *Gramaticalização do Item Depois na Fala Carioca: uma abordagem funcional*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ, 2007.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. *BLS* 13:139-157, 1987.

- _____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C; HEINE, B. (eds) Approaches to grammaticalization. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- _____.;TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____.Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LEHMANN, C. Thoughts on Grammaticalization: A programmatic sketch. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982. Vol. I (mimeo). In: HEINE, B.; KUTEVA, T. World lexicon of grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MARTELOTTA, M. E. Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional. Tese de (Doutorado em Linguística) UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. ; CEZARIO, M. M.(orgs.) Gramaticalização no português: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- MEILLET, A. L'évolution des forms grammaticales. In: Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Champion [1912], 1948.
- MEURER, J. L. BONINI, A. MOTTA-ROTH, D. (orgs.) Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- NIE, N. H.; HULL,C.;BENT,D. H. SPSS Inc. <http://www.spss.com> [1968] 2007.
- OLIVEIRA, M. J. Conectores adversativos na fala dos natalenses: uma análise funcionalista com implicações para o ensino. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-graduação em Linguagem, 2009.
- RODRIGUES, F. C. D. Padrões de uso e gramaticalização de agora e então. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, 2009.
- SOUZA JÚNIOR, R. C. A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinho: da gramática ao discurso. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- Programa de Pós-graduação em Letras, 2005.
- TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In JOSEPH, B. D.; JANDA (eds.) The handbook of historical linguistics. Oxford: Blackwell, 2003. p.624-47
- TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E.The semantics-pragmatics of grammaticalization reviseted. In TRAUGOTT, Elizabeth C. ; HEINE, Bernd. (eds.) Approaches to grammaticalization. Vol. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.
- VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.